ANO 7.º — Sexta-feira, 27 de Fevereiro de 1914 — NUMERO 311

O DEMOCRATA (AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . 2$50
Avulso $02
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO
—(*)—
Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA
Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha . . . . 4 centavos
Comunicados . . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Mais um aniversario

Ao encetar o 7.º ano, o "Democrata,, ratifica parte do seu programa -- pela Verdade, pela Justiça, pela Razão, pelo Direito -- e segue

Entra *O Democrata* no seu setimo ano de existencia. E nésta data, abstraindo um pouco da nossa taréfa quotidiana para um rapido e sumario exame de consciencia, êle apenas nos acusa que, restrictamente a dentro do seu programa, com toda a ufania o dizemos, *O Democrata* o tem cumprido com independencia, sem tergiversações nem tibiêsas.

Assim, este semanario, que nunca teve outras pretenções mais do que aquélas que provem da convicção dum dever, batalhou nos tempos do regimen deposto contra êle e contra os corrutos e vendidos, que, na prática de todos os crimes e de todas as violencias, procuravam sustentar um trono que desábava, liquidado pouco a pouco nos escandalos e nas vergonhas que o cetro e a capa dos reinantes cobriam.

Sofremos, então, toda a sorte de perseguições, de ameaças e até arrastados fômos aos tribunaes, porque não nos calava no animo sofrear protéstos, alarmes, censuras de quanto os nossos sentimentos de patriota e republicanos repudiava e condenava.

Era esse o nosso dever e no seu cumprimento nunca vacilâmos, ainda que tenhâmos a antecipada certeza de que muito nos venha a custar os dissabores que daí provenham.

Triunfante o nosso Ideal, os seus mais ferrenhos e facciosos inimigos, os maltrapilhos e saltimbancos de todas as situações e de todas as cáras—bandidos célebres com o nome directamente ligado ás mais revoltantes infamias que a sua situação pessoal e oficial lhes tem permitido praticar—deitando-se monarquicos na noute de 4 de outubro ergueram-se, na manhã de 5, *convictos* e *entusiastas* republicanos, agregando-se ás nossas fileiras com saudações estrepitosas á aurora que finalmente raiava, libertadora, benéfica, onipotente!

Junto daquêles que na vespera perseguiam e insultavam, justificando, contudo, a sua atitude com palavras e protéstos da mais sincéra e dedicada cooperação, que certamente apagaria dissidencias e incompatibilidades, que se teriam de esquecer, banhados todos na pureza da nova agua lustral nascida das brechas que as granadas revolucionarias abriram no campo inimigo, alguns dos que mais ardentemente ao nosso lado lutaram, acreditando ou fingindo acreditar na lealdade de taes protéstos, com esses falsos republicanos se identificaram.

E tão chegados a êles ficaram, na cega esperança—quem sabe?—de que um dia partilhariam tambem da impunidade por algum crime ou da satisfação de alguma intima ambição, que, nem reconhecidos e provados os delitos e as infamias que, na continuação de habitos adquiridos, de novo os falsos apostolos praticaram dentro já das novas instituições, que não tivéram a mais insignificante vacilação em estreitar o abraço que de nós os distanciou, renegando todo o seu passado de puritanos e sincéros defensores da Republica, alheiando-se assim de todos quantos, como nós, por éla batalharam e sofreram!

Abraço fatal, abraço traidor, abraço que transmite a morte, propagando o *virus* que corrompe e queima as veias onde gira o sangue envenenado que anima e avigora esses falsos republicanos, que, todavia, um alto e errado conhecimento ampára e protege!

Ficámos então sós. Sós? Não.

Ficámos com a pureza da nossa convicção levantando um grito de alarme, denunciando os miseraveis que tripudiavam sobre a Republica, que queriamos branca como a açucena, absoluta e completamente imaculada do contacto vil e peçonhento de toda essa matulagem!

Ficámos com a opinião pública *una*, concorde, ao nosso lado, condenando em ultima instancia, no seu grande tribunal, os miseraveis que, cinicos e depravados, como réles prostitutas, alardeiam pelas ruas da cidade, que os tolêra, a misera desvergonha dos seus carateres e dos seus actos.

Tivémos ao nosso lado o apoio moral e material de todos os homens de bem désta terra, incluindo até adversarios politicos que, contudo, jámais deixaram de se colocar ao lado da Verdade e da Justiça.

Afirmando que a vida do *Democrata*, após o triunfo da sua causa, defendida com tanto ardor e sacrificio, bem mais tormentosa tem sido do que em tempos idos, mantemos uma grande e indistrutivel verdade.

E compreende-se.

Compreende-se porque nutrimos e mantivemos como suprema esperança e intima aspiração que a Republica traria como seu séquito todo um cortejo de actos que só concorressem para o seu engrandecimento e elevação. Isso ouvimos milhares de vezes da bôca dos que nos guiaram á vitória — tantas vezes tal afirmação fôra feita, soléne e decididamente, e por nós repetida.

Não sería, pois, com o nosso silencio, que representaria uma tanta condescendencia da nossa parte, sem o nosso mais acrisolado protésto, custasse o que custasse, désse por onde désse, que permitiriamos que á sombra do regimen, que era para a nossa alma todo um conjunto de dignidade, qualquer se arrogasse impunemente o direito de actos pouco licitos que se refletissem vergonhosamente nas novas instituições, que nós queremos que se não confundam, nem sequer se assemelhem, com aquélas que a podridão dos seus servidores deixou cair.

Acordar no espirito do leitor todas essas lutas de ha sete anos tão profundamente agravadas no derradeiro com as formidaveis batalhas sustentadas contra a corrução, a infamia e o suburno que as casacas e lustrosas camisas dos culpados encobriram; ter de arredar os que ligados e jungidos a compromissos sagrados comnosco partilharam dos trabalhos e dos perigos, mas que se bandearam para onde inconfessaveis interesses e ambições os levaram, tudo isso sería para nós penoso e para o leitor, impertinente. Nem tanto tempo sobre todos esses factos passa que não estejam vivos e bem nitidos na alma popular.

Por isso todos os festejos comemorando esta data, todos os argumentos, justificando-a, resumem-se néstas palavras: o *Democrata*, comsigo e com os seus devotados amigos e correligionarios e ainda com os que, alheiados da politica, aprovam e aplaudem a sua orientação e conduta, congratula-se porque tem cumprido integral e completo o seu programa, parte do qual se resume em combater pela Verdade, pela Justiça, pela Rasão e pelo Direito, sem outra qualquer preocupação que não seja servir com honra e desassombradamente a Patria e a Republica.

AINDA O COMICIO

—(*)—

Corroborando o que aqui dissémos sobre a realisação do tal *comicio monstro* realisado em Londres, como protésto contra a marcha politica do nosso país, encontramos numa carta daquéla cidade para o *Diario de Noticias*, de Lisboa, o seguinte, que julgamos oportuno reproduzir:

«O *meeting* de protésto inglês contra o tratamento dos presos politicos portuguêses organisado por Adelina, duquêsa de Bedford, realisou-se a 6 do corrente no Westminster Palace Hotel, sendo o seu objecto *acelerar a concessão duma anistia geral a todos os presos politicos portuguêses, realistas, republicanos, socialistas e sindicalistas.*

Infelizmente para a duquêsa, lord Lytton, o indigitado presidente, pediu dispensa á ultima hora e da mesma fórma lord Halifax, o rev. F. B. Meyer e o cardeal Bourne, de fórma que a plataforma tinha um aspecto um tanto deserto. Ocupou a presidencia mr. Filip Morrel.

Insistiu êle em que a agitação não era de fórma alguma em hostilidade para com Portugal e a Republica ou instituições republicanas, afirmando que êle mesmo era liberal e democrata.

Repetiu que em Portugal existia um *reinado de terror* e referindo-se aos criticos désta agitação, declarou que não ha govêrno ou grupo de legisladores por muito máus que sejam que não encontrem defensores de qualquer especie quando se precisam, alusão aparentemente a mrs. Bradlaugh Bonner e mr. S. H. Swinney, presidente da Sociedads Positivista de Londres.

Na sua opinião, era já tempo de *sir* Edward Grey intervir.

A duquesa disse que as revoltas que se tinham dado durante o curto regimen da Republica não eram de modo algum realistas, mas sim republicanas e sindicalistas.

Achavam-se apenas umas 150 pessoas presentes no *meeting*, apesar de se ter recorrido aos membros da Sociedade anti-Esclavagista.»

Como se vê, não resta duvida de que foi *monstra* a manifestação da *gaiteira* duquêsa!

COMISSÃO DISTRITAL

—(*)—

A' reunião de sábado presidiu, como de costume, o cidadão dr. Marques da Costa, secretariado por Arnaldo Ribeiro. Assistiram os vogaes dr. Samuel Maia e Elisio Feio.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior, tomou-se conhecimento de vária correspondencia, do balancête da tesouraria e ainda do inventario de tudo quanto existe na secção masculina do Asilo-Escola, feito pelo seu director.

A seguir foram aprovadas as contas das irmandades do Santissimo, de Romariz, de Duas Egrejas, de Lemede, do Vale e da Mizericordia, pertencentes ao concelho da Vila da Feira; do Santissimo, de Macinhata da Seixa e Senhora do Rosario, de Cucujães, concelho de Oliveira de Azemeis; das Almas, de Oliveira do Bairro e do Santissimo, de Pardilhó, concelho de Estarreja. Aprovou mais os arçamentos das irmandades do Senhor Jesus e Almas, da freguezia de Silva Escura, concelho de Sever do Vouga e do Santissimo, da freguezia de Madail, concelho de Oliveira de Azemeis, encerrando-se depois a sessão por não haver mais nada a tratar.

"O Povo de Braga,,

Como sucessor de *A Rotandade* veio agora á luz do dia, na capital do Minho, um periodico com o nome que encima estas linhas, da mesma direcção do sr. Teotonio Gonçalves, mas passando de independente, que era, a orgão do partido republicano evolucionista, pelo qual se mostra entusiasta.

Não lhe gabâmos a atitude, muito embora continuemos a ter pelo *Povo de Braga* a mesma consideração que tinhamos pela *Rotandade*.

BRAVO!

—(*)—

Um acto de generosidade saíu ultimamente do *Quelhas* cá de Aveiro, que merece registo, não vá a historia esquecer-se déle e só a sr.ª Constança Teles da Gama ficar nos seus anaes como o unico anjo da caridade existente depois do outro que Deus lançou ao mundo...

O sr. Ricardo Pereira Campos, dono da mercearia dos Arcos que tambem é conhecida pelo *Quelhas*, enviou para serem distribuidos pelos presos politicos do paço episcopal do Porto, 68$60, produto duma subscrição aberta nésta cidade e que, não ha duvida, foi um gesto que bastante o nobilita.

E aos monarquicos de Aveiro, isso então nem se fala... Pódem-se gabar que déram um quinau na Constança...

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro nos kiosques *Pereira*, em frente ao Mercado do Côjo e *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

Nós e a "Soberania do Povo,,

Torpêsas que não atingem o alvo por serem o espelho da sucia que as reedita

Muito pouco dissémos no numero passado em resposta a um amontoado de adjectivos injuriosos com que o orgão da familia Mélo acudiu em defêsa do Conde de Agueda, seu atual director, a proposito duma apreciação aqui feita á espalhafatosa noticia dada sobre a missa funebre do Porto, a que assistiu o mesmo cavalheiro, comemorativa da morte do rei Carlos, e do telegrama endereçado ao filho Manuel no qual o citado titular enviava os seus sentimentos avivando recordações de tempos idos e a dedicação e lealdade com que o expedidor do despacho servira o destinatario e o regimen.

Tinhamos confrontado esta atitude com aquela outra tomada pelo Conde de Agueda quando veio oferecer a sua *leal* adesão á Republica e daí, visto atingirmos uma vez mais o ponto dolorosissimo e sem cura em que sempre colocámos o antigo chefe progressista, as coleras do regulo absoluto, do prepotente, que, julgando-se em épocas passadas de poderio e exterminio para quantos se não encorporavam na sua côrte de vendidos e lapiladores, nos tentou atingir tambem com palavras que estamos fartos de ouvir á malandragem que nos é desafecta por não pertencermos á confraria em que pontificam verdadeiros acrobatas politicos, autenticos camaleões, se não mais nojentos pelo menos tão asquerosos como aqueles que ultimamente nestas colunas tivéram condigna consagração. Para isso despiu a *toilette* que lhe permite os seus haveres e como os pergaminhos obtidos a direitos de mercê não fornecem educação nem a linhagem com que pretende envolver a elevação de actos e de sentimentos inerentes á aristocracia, eis que nos despeja tantas injurias quantas nos poderia dirigir qualquer arrieiro em egualdade de circunstancias!

O extenso arrazoado com que se imaginou justificar na *Soberania do Povo* o procedimento passado e presente déssa familia, que representa a mais negra peste que caíu sobre este pobre distrito, sò vem justificar a nossa velha e inalteravel atitude de guerra aberta aos que nunca tripudiaram no auxilio e na prática de toda a sorte de perseguição, de tortura e de vilipendio aos que não se lhe submeteram.

Aqui e por toda a parte sempre a combatemos como a seita mais perniciosa e mais perigosa. Na sua propria terra os que com mais constancia e aproximação dela viviam, de ha muito tinham erguido o seu brado de protésto e de revolta. E assim, estendendo a sua nefasta influencia, de toda a parte onde aparecia essa gente como microbios transmissores de enfermidades mortaes, se levantaram protéstos, se estabeleceram conflitos. Então, os que podiam sofrer os resultados da sua atitude, logo recebiam o premio do seu dessassombro, sendo alvejádos covarde e miseravelmente em tudo quanto os pudésse ferir. Aqui impondo-se, acolá aceitando, mais além oferecendo valor e influencia aos adversarios, com promessa de futuros pactos e auxilios politicos, o Conde de Agueda não soube, quasi, fazer mais nada. Acamaradando em vergonhosas paparocas de réles politiquice com os que, inclusivamente, *invertido* lhe chamavam em publico, nisso se resumia toda a alta politica do *nobre* aguedense, politica de serralho, de desmoralisação, de cinismo e de torpêsas como outra jámais se fez durante os nossos dias, mas á qual oposémos, em nome dos interesses do distrito, o justo protésto que dimana de todas as consciencias livres, de todo o homem que presa

a sua independencia acima de tudo. E não esquecendo isto, eis porque ainda estâmos onde sempre estivémos e porque o papelucho de Agueda escreve que tanto mais justa é a sua revolta, *quanto é cérto que tal gazeta* (o Democrata) *é o unico jornal que vem dirigindo grosserias ao sr. Conde de Agueda, faltando ao respeito que se deve a um homem que está na politica com um desinteresse que só a má fé da réles gazeta* (continua a ser o *Democrata*) *não vê, com um desassombro a que a gente honésta de todas as côres politicas tem o dever de prestar homenagem, com uma lealdade que ele tem o direito de exigir que os proprios adversarios lhe reconheçam perfeita, inexcedivel!*

O' corja de pantomimeiros! Mas para que é isso se os factos falam mais alto do que as vossas palavras? Então o Conde de Agueda está na politica desinteressadamente e virou-se para a Republica apenas a viu trianfante para que lhe mantivésse, e á familia, os empregos rendosos que a monarquia lhe havia dado? Então o Conde de Agueda é assim tão desassombrado e não se conservou monarquico quando viu por terra o trôno de D. Manuel de quem voltou a lembrar-se só depois de ter perdido os logares pelos quaes auferia fabulosos proventos que até lhe permitiam administrar o distrito em Lisboa? Então o Conde de Agueda é tão leal e vem para Aveiro dizer aos seus correligionarios politicos que era necessaria a adesão de todos os portuguêses á Republica, ao mesmo tempo que no seu orgão, a *Soberania do Povo*, abertamente se escrevia que **em Portugal não póde haver mais o sistêma monarquico?** Que desinteresse, que desassombro, que lealdade é essa para com um regimen cujo representante foi tão pusilamine como covardes se mostraram os que o cercavam na hora em que á prova foram postos os seus sentimentos, as suas convicções, a sua fidelidade? A isto é que não respondem os arautos da *Soberania*, que acharam mais comodo bater em retirada do que explicar, duma maneira convincente, essa brusca reviravolta que até aos ultimos dias da vida os hade trazer amarrados, como ignobeistrocatintas, ao pelourinho onde já se encontram expiando parte do seu vergonhoso procedimento outros, que em fementidas malandrices não ficam atraz dos aristocraticos gazeteiros da Alta Vila. Mas nós cá estâmos. Nós que os conhecemos desde 1900, que lhes sentimos as ferraduras quando tentaram opôr-se á espansão do partido republicano no distrito, que sabemos bem onde lhes dóe para que não possam impunemente chamar a si considerações, que não merecem, importancia que não teem, credito que não valem, respeito que não possuem. E quer queiram quer não queiram, hão-de ouvir-nos.

* * *

Diz a *Soberania*, com aquele ar fidalgo que lhe imprime a nobrêsa de quem a dirige, que *El-Rei*, por sua vez, telegrafou, agradecendo; que o sr. Afonso Costa, por pessoa que já morreu, mandára recadinho para que o *Conde de Agueda, por ora, se não mexesse*—isto antes de ao Conde e á larga parentéla, que comia á mesa do orçamento, terem sido dispensados os serviços; quem um membro do Directorio lhe pedira o auxilio para determinada politica, declarando esse titular que **era monarquico,** sem acrescentar que, independente desse monarquismo todo, aderira antes, *com toda a lealdade*, á Republica; que o sr. Bernardino Machado prometera ao inspirador da *Soberania*, em Lisboa, que a *sua situação politica seria mantida* e que, dois mezes antes das eleições suplementares, *agentes da politica democratica* (que ninguem encarregou) *mandavam perguntar ao Conde de Agueda e a seu irmão o que era que eles queríam!!!...*

Ora depois de tudo isto, qualquer que não seja cégo logo vê e reconhece o *desinteresse*, o *desassombro* e a *lealdade* com que estão na politica o sr. Conde de Agueda e sua respeitavel familia assim como a todos é facilimo observar ao primeiro golpe de vista que essas qualidades e sentimentos são os mesmos que serviram para justificar toda a casta de violencias e de vilanías que esses acrobatas politicos por aí praticaram de braço dado com os maiores celerados que conseguiram arrebanhar a troco da protecção e auxilio dispensados para que a justiça não tomasse conta dos seus crimes, das suas infamias, da sua falta de probidade, emfim.

E' esse *desinteresse*, é esse *desassombro*, essa *lealdade* que acalenta e anima hoje a publicação das mais repugnantes infamias e calunias contra a Republica, que o sr. Conde de Agueda tem o dever, apesar da sua reconhecida e lendária pequenez intelectual, de, por patriotismo ao menos, não espalhar, contribuindo para o descredito duma nação que ha pouco mais de tres anos lhe merecia especial deferencia quando incitava publicamente todos os portuguêses a aderirem á Republica, sem se lembrar de que era *monarquica* (?!) e havia um rei exilado, que despresou, para se fazer republicano!

E' esse *desinteresse*, esse *desassombro* e essa *lealdade* que leva o sr. Conde de Agueda a propalar, afirmando, que—*sem Afonso Costa ou com Afonso Costa a Republica hade sossobrar*—esquecendo-se que no momento em que tão imbecil quanto irrealisavel profecia fosse um facto, com ela sossobraria a autonomia nacional, desaparecendo dentre as nações vivas esta abençoada patria lusitana!

O sr. Conde e quantos condes da sua laia por aí existem, com titulo ou sem titulo, persuadem-se, por acaso, que os republicanos crusariam os braços deante da primeira ameaça séria que puzésse em risco a Republica? Se tal julgam, enganam-se redondamente.

Os republicanos portuguêses não são, positivamente, na sua maior parte, como aquela malta sem ideial, sem convicções e sem nenhuma especie de dedicação pelas instituições que defendem, que deixou ir por agua abaixo um trôno secular sem um gésto de salvamento, um acto, seguer, de resistencia que o amparasse. Não; não são. Os republicanos portuguêses não são um Conde de Agueda que diz e desdiz, faz e desfaz, torce e destorce, consoante as conveniencias. Não são aquela avalanche de famintos que, como cães esgrouviados, comeu, comeu, comeu, fugindo depois ao dono para se agachar sob outras mantas de côr diferente... Os republicanos portuguêses, é preciso que o Conde o saiba, não transigem com a imoralidade e não aceitam de modo algum cooperações desonéstas como tantas que lhe foram oferecidas e agora se está a vêr o motivo que as inspirava.

Em conclusão: a sucia da *Soberania do Povo*, tão asquerosa como os processos politicos de que se serve para acompanhar os despeitados, os covardes e os maus nos seus ataques ao regimen, que os não toléra, espinoteou porque lhe tocámos muito ao de leve nas feridas. Pois agora hade gramar com o resto das verdades que aqui temos para oferecer aos nossos leitores, pouco nos importando que delas tome conhecimento a Alta Vila, por intermedio do Azevedo, tão despresiveis os achâmos a todos, tão macanjos se nos apresentam embora querendo aparentar uma purêsa que seria efectivamente para admirar se não tivésse atingido os páramos do ridiculo.

Em cinismo e desvergonha, vamos que não ficam a dever nada aos *pardos* da Vera-Cruz.

Antes pelo contrario.

Pavoroso incendio

Na madrugada do dia 22 o fogo reduziu a cinzas sem que de alguma fórma se podésse obstar á sua propagação e desenvolvimento, a fabrica de chicoria pertencente ao sr. Manuel Marques Janvelho, importante industrial da freguezia de Eixo, dêste concelho, que apezar de a ter seguro em 5 contos ainda perdeu avultada quantia, segundo nos informam.

O sr. Manuel Marques Janvelho é um dos mais antigos, se não o mais antigo, negociante de chicoria que existe no distrito de Aveiro, tendo creado pela seriadade das suas transações um nome respeitavel não só na sua terra como nas diferentes praças do país, pelo que o desastre de agora a muitos deve ter confrangido.

Pela nossa parte lamentamol-o tambem por o que representa de prejuizo e desgosto para o sr. Manuel Marques Janvelho, além da falta que, com a destruição da fabrica, devem sentir os trabalhadores que lá se empregavam.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

SERTORIO AFONSO

—=(*)=—

Fez no sabado 4 anos que os republicanos de Aveiro perderam este valioso correligionario, activo propagandista, que á sua independencia de caracter aliava todos os predicados de homem de bem sendo, como tal, considerado por toda a gente.

Companheiro de Francisco de Moura, que na morte o antecedêu alguns dias apenas, é a esses prestantes cidadãos que se deve em grande parte a creação do *Centro Escolar Republicano de Aveiro*, hoje instalado na rua do Caes, e ainda muitos trabalhos de organisação partidária e de propaganda em que ambos se empenharam com inexcidivel dedicação e patriotismo.

Recordando a lugubre data aqui deixâmos néstas colunas mais uma vez o preito da nossa homenagem á memoria de Sertorio Afonso.

* * *

Do Porto, e para ser distribuida naquêle dia pelos nossos pobres, recebemos mais, do generoso bemfeitor, sr. José Ferreira Pinto Junior, a quantia de 2$50, que teve a seguinte aplicação:

Bernardina Amelia da Costa, rua da Corredoura, $25; Luísa Taqueira, rua do Vento, $50; Joana Penteado, rua de Santo Antonio, $30; Rosa Vilar, rua Miguel Bombarda, $05; Margarida de Jesus, idem, $10; Perpetua Carcereira, rua de S. Martinho, $10; Maria Janeira, rua Almirante Reis, $20; Rosa do Egidio, rua de S. Gonçalinho, $50; Tereza S. Maia, rua da Arrochela, $30 e Luís dos Reis, rua de S. Sebastião, $20.

Ao sr. Pinto Junior, mil agradecimentos.

RIGORES DO INVERNO

Foram extraordinariamente tempestuosos os dias de sabado, domingo, segunda e terça-feira em que o vento soprou com toda a impetuosidade e a chuva caíu, por vezes, desabridamente, tornando intransitaveis algumas ruas da baixa, junto á ria, que trasbordou tambem, cobrindo-as de agua.

Cêrca da 1 hora deste ultimo dia, porém, é que o temporal atingiu o maximo de intensidade.

O vento noroeste, que então soprava com uma violencia crescente e assustadora, poz em alvoroço toda a população da cidade que, sem exagero podemos dizer, sacudia nos seus alicerces.

Ha um sem numero de predios destelhados, vidros partidos, clara-boias despedaçadas, chaminés derrubadas, arvores por terra, tendo caido no jardim um dos velhos cedros que ali existiam e outras arvores que enormemente danificaram aquele aprazivel recinto.

Na estrada de Cacia nada menos de 57 eucaliptus e 28 sobreiros apareceram a impedir o transito sucedendo outro tanto no tunel de Angeja, onde a devastação foi completa e na Oliveirinha, terra em que os exemplares dos maiores e mais resistentes pinheiros foram partidos como simples varas que pudéssemos ás nossas mãos quebrar.

Alem destes, temos ainda a juntar os prejuizos causados na ria, que devem ser avultadissimos por causa do sal perdido, e que nos dizem orçar em alguns contos, afóra outros de somenos importancia.

Como as comunicações telegraficas estão interrompidas, não é ainda conhecido o que se passou no resto do país, que, contudo, calculâmos haver sofrido, e muito, com os rigores deste fim de inverno registado em todos os observatorios meteriologicos.

* * *

Nota curiosa: Na Barra a violencia do vento foi de tal naturêsa que, produzindo uma enorme oscilação no farol, fez com que o encarregado da lanterna enjoasse e caísse atordoado.

Para uma escola

Pelo sr. Manuel Francisco Braz, cidadão conceituadissimo do logar da Povoa do Valado, freguezia de Requeixo, dêste concelho, acaba de ser oferecida á câmara municipal, para edificação duma escola, a quantia de 500 escudos, tencionando ainda o sr. Braz dotar a terra da sua naturalidade com outros melhoramentos que já traz em projecto, todos dignos do maior louvor.

O sr. Manuel Francisco Braz é hoje um dos principaes capitalistas do concelho, tendo ha pouco regressado definitivamente do Brazil, onde depois de aturado trabalho, conseguiu os meios de fortuna de que tão bem está dispondo.

Oxalá tenha a compensação devida que é a estima dos seus conterraneos.

A anistia

Depois de larga discussão e de ter sofrido várias emendas o projecto de anistia apresentado pelo govêrno, sempre foi esta votada pelo Congresso no dia 21 tornando-se extensiva a todos os individuos, com raras excéções, que sob a alçada da lei penal se achavam presos por crimes politicos.

O decreto, publicado em suplemento ao *Diario do Govêrno*, no domingo, é como segue:

Artigo 1.º E' concedida a anistia:

1) A todos os individuos julgados e condenados por crimes politicos, previstos e punidos pelo artigo 2.º do decreto com força de lei de 28 de dezembro de 1910 e pela lei de 30 de abril de 1912, que se acham sob prisão cumprindo as respectivas penas, os quaes deverão ser imediatamente postos em liberdade, salvo se por outra causa deverem ser conservados em custodia.

2) A todos os cidadãos portuguêses julgados e condenados pelos mesmos crimes que estejam, actualmente, ausentes do país.

Art. 2.º Os chefes, dirigentes ou instigadores daquêles a quem se refere o artigo anterior são imediatamente expulsos do territorio da Republica Portuguêsa pelo govêrno, sob parecer da comissão da reforma prisional e penal, e pelo tempo da pena que lhes resta cumprir, não excedendo dez anos.

§ unico. Os que regressarem, antes de findo este praso, cumprirão o resto do tempo em prisão ou presidio nas ilhas ou ultramar.

Art. 3.º Todos os individuos, ainda não julgados, que se encontram presos por iguais crimes, são imediatamente soltos e continuarão em liberdade até final julgamento, mediante simples termo de residencia.

§ 1.º A escolha désta fica restricta á localidade da séde do tribunal a que os indiciados estão sujeitos, podendo contudo transferil-a mediante prévia declaração á autoridade que tenha lavrado o termo.

§ 2.º O termo de residencia a que se refere este artigo será lavrado pela autoridade a quem estivér afecto o procésso, mas, se o arguido se encontrar em local diverso da séde déssa autoridade, sêl-o-ha então pela que superintender no estabelecimento em que estivér recluso.

§ 3.º Os militares que tenham de ser sujeitos a julgamento deverão apresentar-se: os oficiaes nas secretarias da guerra e majoria general da armada e na direcção geral das colonias; as praças de pré nas unidades a que pertençam, substituindo a apresentação o referido termo de residencia. Estes militares, porém, não fazem serviço emquanto não forem julgados.

§ 4.º Sempre que tenha de dar-se conhecimento de qualquer acto do procésso aos arguidos e estes não sejam encontrados, seguirá o procésso á revelia e com defensor oficioso.

§ 5.º A anistia será aplicada a todos os que forem condenados, salva a excéção consignada no artigo 2.º e seu paragrafo.

Art. 4.º Os individuos que, ao presente, não estivérem sob prisão e contra os quaes haja ou tenha de haver procedimento criminal por crimes compreendidos no n.º 1 do artigo 1.º aproveitam igualmente dos beneficios désta lei, observando-se todavia o disposto no § 5.º do artigo antecedente nos casos de condenação.

Art. 5.º E' concedida tambem a anistia aos crimes previstos:

1) Nos artigos seguintes do Codigo Penal:

177.º a 182.º, reuniões criminosas, sedição, assuadas, injurias contra as autoridades publicas;

185.º a 195.º, actos de perturbação, resistencia, desobediencia, tirada e fugida de presos;

§§ 1.º a 3.º do artigo 253.º, armas proibidas;

291.º e 300.º, abusos de autoridade não sendo atribuidos a membros do poder executivo e resalvando-se o que dispõe o artigo 71.º da Constituição;

379.º, ameaças;

381.º a 368.º, duelo;

483.º, provocações publicas ao crime.

2) Nos artigos 3.º e 4.º do decreto, com força de lei, de 28 de dezembro de 1910;

3) Na lei de 12 de julho de 1912 (propaganda tendenciosa ou subversiva);

4) No decreto, com força de lei, de 6 de dezembro de 1910 (abusos do direito de grève).

Art. 6.º Ficam igualmente anistiados:

1.º Todos os delictos de imprensa em que não haja parte acusadora;

2.º Todas as infracções ao artigo 40.º do decreto com força de lei de 29 de março de 1911, sobre serviços de instrução primaria;

3.º Todos os delictos ou transgressões da lei da Separação do Estado e das egrejas e nos artigos 313.º a 315.º do Codigo do Registo Civil e ainda os factos determinantes das medidas adotadas pelos artigos 1.º, 2.º e 6.º do decreto do ministério da justiça, de 7 de março de 1911, mantendo-se, porém, todas as demais prescrições dêste ultimo decreto e subsistindo, a respeito dos delinquentes e transgressores, a pena da perda dos beneficios materiaes do Estado que lhes tenha sido imposta, menos a proibição de celebrarem culto nos edificios do mesmo Estado, referida no artigo 94.º da aludida lei.

Art. 7.º Os militares de terra e mar a quem fôr concedida a anistia, nos termos dos artigos anteriores, são tambem anistiados do crime de deserção, quando nêle tenham incorrido; mas sendo oficiaes e sargentos, considéram-se definitivamente excluidos do exercito e da armada.

Art. 8.º Tambem serão anistiados, com subsequente exclusão definitiva do exercito e da armada, os oficiaes e sargentos de terra e mar que sejam tidos como desertores, embora já julgados e absolvidos de qualquer crime politico.

Art. 9.º Aos individuos sujeitos ao serviço militar e que, pelo facto de terem emigrado por motivo politico, são havidos como refractarios, ser-lhes-ha levantada a respectiva nota, considerando-se como adidos para o efeito de obrigação do mesmo serviço militar.

Art. 10.º As disposições da presente lei não prejudicam o cumprimento, já dado ou a dar, ao artigo 18.º da lei de 23 de outubro de 1911, nem as demissões anteriormente a esta impostas por causa analoga.

Art. 11.º A anistia não abrange os criminosos que por qualquer fórma ou para qualquer fim, fizéram uso da dinamite e outros explosivos congeneres.

Art. 12.º Ficam tambem excluidos da anistia os crimes de atentados pessoaes.

Art. 13.º A faculdade atribuida ao govêrno nos artigos 2.º, 3.º, § 5.º, e artigo 4.º fica sómente limitada aos casos nêles expressos.

Art. 14.º Esta lei é aplicavel aos crimes ou transgressões néla referidos e praticados até o dia 19 de fevereiro de 1914, e entra imediatamente em vigor.

Art. 15.º Fica revogada a legislação em contrario.

Como se vê, esta anistia é o mais ampla que póde ser só não aproveitando déla onze individuos considerados os verdadeiros responsaveis pelos movimentos monarquistas que se teem dado e os que por qualquer fórma ou para qualquer fim fizéram uso da dinamite e outros explosivos congeneres.

Com referencia aos primeiros, isto é, aos que ficam banidos do territorio português, a sua lista é assim composta:

Dirigente e chefe—**Henrique Mitchel Paiva Couceiro**

Dirigente—**João Antonio Azevedo Coutinho Fragoso Siqueira**

Chefes:—**João de Almeida**

Jorge Perestrelo de Pestana Veloso Camacho

Mario Augusto de Souza Dias

Victor Leite da Gama Lobo Sepulveda

Instigadores e dirigentes:—**Francisco Manuel Homem Cristo**

Padre Antonio de Moura Leite Maciel

Padre Julio Barroso

Padre Domingos Pereira

Padre Julio Candido Cézar

Estão, pois, vasias já de conspiradores as cadeias e presidios de Portugal, chegando a esta cidade o advogado Jaime Duarte Silva, após quatro mezes de clausura no paço episcopal do Porto.

Oxalá as lições lhes tivéssem aproveitado e duma vez para sempre se convençam de que a Republica não será muito facil substituirem-na por mais esforços que empreguem.

Ainda se fôsse por coisa melhor...

Notas mundanas

De visita, está nesta cidade, a sr.ª D. Maria Pereira e Silva, viuva do malogrado capitão da marinha mercante, João dos Santos Silva.

= Partiu para o Pará, o honrado industrial de Cezár, Oliveira de Azemeis, sr. Urbano Francisco Alves, a quem apetecemos feliz viagem e as maiores prosperidades nos seus negocios.

= Tem passado ligeiramente encomodada a sr.ª D. Augusta Moraes.

= Parte por estes dias para Gibraltar, a negocios, o importante proprietario da freguezia de Nariz, sr. Manuel dos Santos Silvestre.

= Acha-se já em Coimbra á frente do seu estabelecimento, o sr. Americo de Azevedo.

= Consorciaram-se em S. Paio, Gouveia, uma das mais gentis meninas do logar, a sr.ª D. Maria Candida Cabral e Souza, com o sr. Frederico Candido Marques, nosso amigo e socio, em Loanda, do distinto aveirense Francisco Vieira da Costa.

Os nobentes, a quem desejâmos uma interminavel lua de mel, partem em breve para a Africa onde fixam residencia.

= Chegou do Pará á sua casa de Cacia, o sr. Manuel Rodrigues Aires, nosso antigo assinante.

Vem de perfeita saude e conta demoraa-se em Portugal alguns mezes.

Cumprimentamol-o.

= Esteve em Aveiro o dr. Fernando Batista, de Agueda.

= Tambem aqui vimos os srs. Teixeira Ramalho e Afonso Fernandes, de Cacia; Abilio Trancoso, de Vagos; dr. Samuel Maia e filha, de Ilhavo; Manuel Gomes Junior, de Anadia; Julio dos Santos Barreto, da Quinta do Picado; Antonio Simões Jorge, da Taipa; Antonio de Brito, de Sôza e Manuel Francisco Braz, da Povoa do Valado.

= Por ter sido atacado dum ataque de reumatismo, recolheu á cama o digno regedor da freguezia de Requeixo, sr. Claudio José Portugal, a quem desejâmos prontas melhoras.

= Completa hoje 16 anos a menina Alda Barbosa Mesquita, aplicada aluna do nosso liceu.

Muitos parabens.

= Vae um pouco melhor dos seus sofrimentos o sr. José Gonçalves Queiroz, professor oficial nésta cidade.

Triste data

Passa ámanhã o 3.º aniversário do falecimento do desditoso Augusto de Brito, dia que nos acorda uma viva e pungente dôr por tão cêdo vêrmos arrebatado este nosso amigo pela asa negra da morte, que, implacavel e dura, lhe aniquilou a preciosa existencia na mais risonha quadra da vida.

Déssa longa o renhida luta empenhada com tanto ardor para o seu salvamento; de tão pungentes e dolorosissimas cênas de preces, de lagrimas e de torturas fisicas e moraes; de todas as cambiantes amargas e profundamente alucinadoras a que assistimos, de tudo isso, vive ainda no nosso espirito a ideia que nos leva a traçar estas poucas linhas simplesmente para que a memoria de Augusto de Brito não seja esquecida e possâmos apresentar ao nosso amigo Alfredo de Brito e a toda a sua familia, que por êle eram estremosissimos, a expressão da nossa sincéra condolencia.

OS LOUCOS DA PENITENCIARIA

Ignobil campanha de descredito

O QUE HA APURADO

Ainda não eessaram de todo as oposições a sua campanha de descredito em que são atingidos vários individualidades de destaque no Partido Republicano Portuguès e por isso outra surgiu que nos merece especial menção por nela estar envolvido o nome do ex-governador civil de Aveiro, o ultimo ministro do Interior, nosso querido amigo dr. Rodrigo Rodrigues.

Assim, pretendem os desorientados representantes do povo no Congresso atribuir ao sr. dr. Rodrigo Rodrigues o que se tem passado nos ultimos mezes na Penitenciaria de Lisboa, de que é director, mas da qual se tem conservado complétamente afastado por lhe não permitirem os seus multiplos afazeres dedicar a minima parcela de tempo aos assuntos daquele grande estabelecimento penal. Isto mesmo sabem os seus detratores. Mas como de tudo é preciso fazer politica, como a chicana ainda é hoje a grande arma empregada em Portugal para auxiliar a calunia naquilo que ela tem de mais tôrpe, eis que aparece o dr. Rodrigo Rodrigues como responsavel pelos casos de loucura que ali se teem dado entre os reclusos e consequentemente pelos disturbios por eles feitos quando atacados, atribuindo-se-lhe ainda maus tratos por sua ordem infligidos a esses infelizes, como se os sentimentos de humanidade não fossem uma das principaes caracteristicas do dignissimo funcionario, que tanto honra as instituições e o partido a que pertence.

Provou-se desde logo que tudo era falso e assentava em falsissimas informações que gente sem escrupulos havia fornecido com intuitos que facilmente se advinham, contribuindo para o compléto esclarecimento do caso explorado no Congresso e até nas colunas de determinados jornaes, que por ele teem de responder, a seguinte entrevista com o sr. dr. Avelino de Brito, atual director da Penitenciaria, que assim acolheu o jornalista destacado com o fim de apurar toda a verdade dos factos:

—O sistêma penitenciario tal como foi definido e aplicado pelo regulamento provisorio da cadeia geral penitenciaria tinha por fim a regeneração do criminoso pelo remorso provocado pelo isolamento. Foi uma concepção de Jeremias Bentham, levada entre nós a efeito com enormes despezas que, ao tempo, provocaram acaloradas e escabrosas discussões nas duas casas do parlamento, especialmente na câmara dos pares.

«No sistêma celular o prisioneiro vivia inteiramente comsigo e com a sua consciencia, sempre de capuz, desde que se encontrasse em logares donde pudésse ser visto por outros presos ou por pessoas estranhas ao serviço da Penitenciaria.

«Era um espetaculo devéras apavorante vêr deslisar pelas alas, longas filas de presos a quem o capuz, com tres buracos, que mal deixavam advinhar os olhos e a bôca, dava um aspecto macabro de uma marcha de caveiras! Uma vez entrado na Penitenciaria, o preso passava alguns dias na céla, onde não tinha comunicação de qualquer especie com outro ser vivo. Ao fim dêsse tempo era entregue ao confessor, sempre para lhe suscitar a ideia do remorso, ao professor e ao mestre, que lhe ensinava um oficio, quando êle o não sabia, o que é o caso mais frequente, visto a população da Penitenciaria ser, na generalidade, constituida por gente de campo, jornaleiros.

«Na escola, os presos, cada um em seu compartimento, construido de fórma que não pudésse vêr os outros, não dirigiam a palavra ao professor, que em um quadro lhes ia explicando a lição. Como unica distração tinha o trabalho, sempre á porta fechada, executado em uma céla, que era a propria, ou outra, quando ali não podia exercer o oficio, e o passeio de uma hora por dia, onde lhe era permitido fumar.

«E' esta nas suas linhas gerais a doutrina do regulamento que foi mais ou menos recalcado no da Penitenciaria da católica Louvain, Belgica, onde o govêrno português delegou para o efeito, se não estou em erro, os srs. dr. Antonio de Azevedo e Agostinho Lucio, que é ainda hoje o primeiro medico da cadeia.

«O que é espantoso é que, sendo o regulamento *provisorio*, atravessou 27 anos de monarquia sem que se lhe tivésse feito qualquer modificação, excepto pelo que respeita ao pessoal de secretaria, em que foi creado o logar de fiscal das oficinas, para que o sub-director estivésse durante quasi 30 anos afastado do serviço, em uma situação excepcional de *engorda*, que bulha, terrivelmente com a moralidade burocratica.

A Republica modificou o sistêma penitenciario, abolindo o regimen celular

—Mas tudo isso acabou, não é verdade?

—Sim, cabe á Republica a iniciativa das refórmas do sistêma celular, delegando o parlamento em uma comissão prisional o direito de fazer as modificações que julgasse convenientes. O projecto de lei que foi apresentado ao parlamento pelo ministro da justiça sr. dr. Correia de Lemos é da iniciativa do sr. dr. Rodrigo Rodrigues.

«O primeiro acto desta comissão consistiu em abolir o capuz, sendo notavel a satisfação do prisioneiro, reassumindo, por assim dizer, a sua condição de ser humano. Depois outras reformas se seguiram que alteraram em absoluto as bases do regimen celular que, de facto, agora não existe em Portugal, devido sobretudo á acção do sr. dr. dr. Alvaro de Castro, de quem eu fui o mais modesto dos colaboradores.

«As escolas passaram a ser em comum, podendo o preso, quando tiver qualquer duvida, dirigir-se ao professor, o que, como é facil de vêr, facilitou a instrucção do preso. Foram derruidas as divisões em volta do observatorio central da cadeia, em que os presos ouviam missa, e ali estabelecidas as oficinas de sapateiros, alfaiates, encadernadores e tipografos, em que trabalhavam 200 reclusos.

«Foi mudada a oficina dos funileiros, que durante muitos anos trabalharam nas célas de um pavimento inferior, impropria para oficina, pela falta de luz, para um compartimento em comum.

«Sómente trabalham nas célas, mas com as portas abertas, por falta de logar proprio, os marceneiros e carpinteiros, sendo cérto que o ex-ministro da justiça tinha delineado um pateo de passeio, que não tem aplicação, para o estabelecimento destas oficinas, que ainda não se realisou, mas que é de esperar que dentro em pouco tenha a sua efectivação.

«Não existe hoje o trabalho isolado, lembrando a Penitenciaria uma vasta oficina, que, se não é o que devia ser, é, sobretudo, devido ás pessimas condições do edificio, que não se adapta facilmente ás novas transformações.

«Decorre, pois, a vida do preso, tanto quanto possivel, como a vida do operario. Os dias peores para a população da cadeia eram os domingos e dias feriados, em que o preso apenas tinha uma hora de passeio e isolado, por não haver trabalho. Até nisto entrou a acção benefica da Republica. O sr. dr. Alvaro de Castro, sob minha proposta, autorisou que nestes dias os presos passeassem em grupos de 3 ou 4 por duas horas, quando tivéssem bom comportamento durante a semana, podendo passear isolados quando assim o pedissem. Foi talvez o ultimo despacho do ministro da justiça do gabinete do sr. dr. Afonso Costa e foi com certeza o ultimo golpe no sistêma celular.

«Creio bem que disto resultará beneficio para o estado mental e fisico da população da cadeia, embora o não possa afirmar pelo pouco tempo de experiencia. O que, contudo, posso desde já dizer é que as faltas disciplinares diminuiram por uma fórma notavel.

«Os presos que estão loucos na Penitenciaria veem, em geral, do sistêma anterior, sendo, todavia, de crêr que diminuam em face da nova situação. Deve-se, contudo, observar que o criminoso é, em regra, um ser mais ou menos tarado, em que sobretudo a reclusão e a falta de relações sexuaes exercem uma influencia deprimente.

«Mas em bôa verdade isto dá-se em todas as cadeias, com a agravante de que nelas faltam, no todo ou em parte, o asseio, a ordem e a assistencia medica, que na Penitenciaria constata estas doenças. Não digo que este regimen seja bom, mas garanto que durante largos anos foi muitissimo peor, sem se levantar a celeuma que ha tempos se vem fazendo em volta da Penitenciaria, por razões apenas acidentaes: a estada dos presos politicos e outras em que agora não vale a pena falar.

«Em face das estatisticas das prisões estrangeiras, não é alarmante a percentagem de loucos que se regista atualmente na Penitenciaria, porquanto, tendo sido nomeada ha pouco, pelo govêrno alemão, uma comissão de medicos, constatou que nas cadeias-casas de trabalho a percentagem de loucos era de 33 por cento, portanto muito superior á da Penitenciaria de Lisboa, em que ha 70 loucos numa população de 500 reclusos. No tempo da monarquia nunca essa percentagem foi inferior, podendo dizer-se que é presumivel que fosse maior, em virtude de nêsse tempo o registo clinico mental se não fazer com a minuciosidade com que se faz atualmente, por ter sido confiado a um medico que ao mesmo tempo é o primeiro assistente da cadeira de psiquiatria e medico do hospital de Rilhafoles.»

O que aí fica escusa quaesquer comentarios porque não se encontraría mais eloquente demonstração do modo como se pretende ferir e desgostar o sr. dr. Rodrigo Rodrigues.

Lá vamos...

Que nós prometemos uma resposta á *Soberania do Povo* depois de ter concluido a historia da adesão do Conde de Agueda á Republica, é uma verdade. Mas a *Soberania* ainda não acabou essa historia. A *Soberania* interrompeu essa historia em outubro de 1913 por ocasião da nova intentona monarquica e ainda não a recomeçou nem a deu por finda. Não julgue alguem nem os da *Soberania* que fugimos ao que prometemos. Nunca o fizémos. Quem se engasgou foi a *Soberania*. Quem emudeceu foram os postilhões do sr. Conde Agueda. Eles é que emudeceram, é que se engasgaram, é que perderam a fala transidos de medo com a noticia dos acontecimentos de Lisboa. Mostram sempre o que são. Não ha quem os eguale. Só eram arrogantes noutros tempos. Mas hão-de desembuchar. Nem que seja a saca-rolhas o resto hade saír porque toda a gente espera saber o motivo que determinou o Conde de Agueda a aderir á Republica para depois se fazer monarquico... *convicto*...

Naufragio

Devido aos ultimos temporaes, naufragou na madrugada de segunda-feira, cêrca das 4 horas, entre a barra e a Costa de S. Jacinto, o hiate português, *Cisne*, de 114 toneladas e pertencente ao sr. Francisco Estevam Soares, da praça do Porto.

O navio dirigia-se a Portimão, carregado de madeira e tóros de pinheiro, tendo saído a 18 de Leixões, sem novidade. O vento, porém, arrastou-o no alto mar tão furiosamente, que por fim encalhou na praia por absoluta impossibilidade de govêrno.

A tripulação, composta do mestre Manuel Simões Ré, contra-mestre João Batista Coelho e ainda os maritimos José de Oliveira, Manuel Lourenço Russo, Alvaro da Silva Pires, Carlos Simões Chuva e um rapaz de nome Francisco, foi toda salva e socorrida pelas praças em serviço no posto da guarda fiscal de S. Jacinto, que prodigalisaram aos pobres naufragos todo o auxilio e carinho de que pudéram dispôr.

Para o local do sinistro, logo que dele houve na cidade conhecimento, marcharam a toda a pressa o ilustre capitão do porto com o seu adjunto, o chefe do posto aduaneiro assim como o comandante da secção da guarda fiscal com algumas praças e outras da armada.

O navio foi complétamente desfeito pelas vagas não se podendo dele retirar mais que as roupas dos tripulantes, tal a situação perigosa em que ficou, acrescida com a violencia do mar revolto, que contra ele arremetia furiosamente.

Alguma madeira arrolou já a algumas praias do litoral perdendo-se, contudo, a maior parte dela.

O CARNAVAL

Não teve nada que o recomendasse, o carnaval dêste ano em Aveiro.

A não serem os brinquedos no teatro, com serpentinas e *confetti* durante as récitas que ali se déram e os bailes que por esta época se costumam realisar, de resto tudo insipido, sem chalaça, monotono, reles mesmo. E' verdade que o tempo tambem se não apresentou de feição a permitir exibições nas ruas; no entanto tivéssem-se feito os preparativos necessarios que nem por isso em qualquer parte deixaria de aparecer um ou outro *bon vivent* caso os houvésse, como noutros tempos, dispostos a divertirem se, divertindo quem lhes ouvia os ditos picarescos, mas inofensivos.

Não ha duvida que o carnaval decaíu e decaíu muito em algumas terras. Entre nós foi o que todos viram e néstas poucas linhas fica resumido. Valeu-nos os *batuques*, valeu-nos *La Gabriella* com as suas cançonetas bregeiras, valeu-nos abrirem-se todas as noites, desde sexta-feira, as portas do teatro porque, se não fôra isso, o aborrecimento era completo. Nem sequer lembraria o entrudo que, todavia, no estrangeiro, constitue tres dias de rasgada pandega em que entram velhos e novos, ricos e pobres, aristocratas e plebeus.

O que nos parece é que aos rapazes, á mocidade, lhe falta o quer que seja que a anime visto que só a éla compéte traçar o caminho, desbravar o terreno, iniciar a folia, emfim, com animação e desprendimento.

Pois é pena. O carnaval não deve acabar porque é das velhas tradições a que melhor satisfaz aos povos civilisados...

* * *

Em Esgueira, suburbios desta cidade, teve logar na noite de terça-feira, no salão do Centro Republicano daquela localidade uma *soiré-masqueé* oferecida pela direcção daquela casa aos seus socios e respectivas familias.

Reuniram-se numerosissimas damas e cavalheiros, que até ás 4 horas da madrugada seguinte jogaram e dançaram animadamente com louco entusiasmo, que uma magnifica orquestra animava em demasia. Houve belos serviços, saindo todos os convidados deveras satisfeitos com a maneira como tudo decorreu sem qualquer nota desagradavel.

A' direcção, composta dos cidadãos Filinto Elisio Feio, Paulo Guimarães e Manuel Camilo Albano, cabem os maiores encomios pela brilhante festa que proporcionou aos associados daquela florescente e importante agremiação republicana.

Outra vez os ferro-viarios

Por causa dos constantes actos de *sabotage* que desde o fim da ultima semana se veem praticando nas linhas ferreas, é irregularissima a circulação de comboios da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguêses pelo que de novo deixou de haver distribuição de correspondencia postal ás horas regulamentares, além de outros transtornos mais gràves que semelhante situação traz ao país em geral.

Consta no entanto que para o sul é onde o movimento está tomando uma feição pouco conciliadora pois houve já alguns descarrilamentos tendo tambem rebentado bombas de dinamite em várias estações causando bastantes estragos.

Segundo as ultimas noticias, no Sindicato Ferro-Viario, com séde em Lisboa. foi votada na sexta-feira por aclamação a gréve geral dando o pessoal como razão da sua atitude o facto de a Companhia exercer represalias sobre ele por causa da ultima gréve alem de lhe cercear diferentes regalias, como seja a supressão de passe ás familias, representativo de grandes vantagens como é facil de calcular.

Queixam-se mais os ferroviarios da atitude do engenheiro Santos Viegas, chefe da exploração, que é provocadora para o pessoal, o que tudo predispõe mal tornando o conflito irritante e cada vez mais dificil de resolver pela intransigencia em que as duas partes litigantes se conservam.

E' lamentavel, profundamente lamentavel o que se passa, como já tivémos ocasião de dizer. O país precisa de ordem sem a qual não poderá trabalhar nem progredir. Os govêrnos precisam, não de quem os estorve na sua obra patriotica, mas de quem os auxilie, de quem lhes dê força para fomentar a riquêsa nacional, base indispensavel em que assenta todo o progresso.

Lembrem-se os que amam a Republica e lhe déram uma parcéla só que fosse do seu esforço para a fazer triunfar em Portugal, que é preciso não lhe crear dificuldades, mas sim prestigial-a tornando-a respeitada e bem vista em todo o mundo. E isso poder-se-á conseguir desde que todos se compenetrem dos seus deveres, muito embora pugnem pelas suas regalias e revindiquem para si direitos que lhe pertençam.

Um movimento ordeiro, bem organisado e disciplinado estâmos plenamente convencidos que dará melhor resultado do que quantas selvagerias se pratiquem, quantas desordens se produzam.

Pensem nisto os ferro-viarios e verão que o unico caminho indicado que os conduzirá á vitoria é este e só este.

* * *

Para evitar qualquer acto que os *saboteurs* pretendam levar a efeito, o sr. governador civil deste distrito mandou guardar militarmente todas as estações desde a Pampilhosa até Espinho, medida que tem sido egualada por outros e que mereceu a aprovação do govêrno.

NEM O CREADO.

Foi tal o panico produzido ultimamente pelo nosso jornal na redacção da *Soberania do Povo*, onde pontifica o Conde de Agueda, que até ao creado da casa foi proíbida a leitura dêle, sistêma usado por todas *las personas* de *alta estirpe* quando se querem furtar á discussão de assuntos que lhe dizem respeito e não teem defêsa possivel.

Azevedo: ponha lá fóra a reles gazeta da sua terra..., intimam os patrões...

E o Azevedo humilde, submisso, obediente, cumpre a ordem embora goste de lêr todos os jornaes de Aveiro que lhe cheguem ás mãos...

E' que não ha outro remedio: patrão manda, creado obedece...

Afogados?

A' capitania do porto veio queixar-se a familia do dono dum barco moliceiro, de que até hoje não voltaram a casa tanto êle como um filho de 12 anos e um moço, presumindo-se que, tendo sido apanhados na ria pelo temporal désta semana, o barco sossobrasse e com êle desaparecessem os tripulantes visto que nunca mais se tornou a saber o paradeiro dos pobres moliceiros.

O sr. capitão do porto parece que ordenou uma pesquisa minuciosa pela ria emquanto a familia dos infelizes, que habita no concelho de Vagos, vai carpindo a sua triste sorte.

Galegadas

Informam-nos que num estabelecimento desta cidade dois individuos quaesquer, um muito conhecido pela sua idiotice e inutilidade e outro pelas burlas em que é emérito, tivéram para este jornal referencias insultuosas e gestos que bem traduzem a pequenez de espirito de quem neles é eximio.

Não é pelo valor do facto nem das pessoas que nele tomaram parte que aqui referimos o acontecido, nem tão pouco porque tal nos encomode por isso mesmo que lhe

ligamos a minima importancia.

Registamol-o sómente porque ele dá bem a medida do odio que contra a independencia deste jornal votam meia duzia de corrutos de quem os tristes protogonistas da cêna a que nos reportâmos são réles serventuarios e admiradores.

Mais nada.

O SAL

Tem estado em Aveiro ao preço de 40$00 o vagon.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

MARÇO

DIAS	PHARMACIAS
1	MOURA
8	LUZ
15	RIBEIRO
22	ALLA
29	BRITO

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

CORRESPONDENCIAS

Alquerubim, 24

Passou esta noite por aqui um medonho temporal. Arrancou muitas arvores, quebrou outras, descobriu telhados, arrancou beiraes, etc.

Em casa do sr. Amador houve grande prejuizo nos telhados. Pois o sr. Amador, tendo noticia de que as estradas estão énterrompidas em alguns sitios, deixou de assistir aos reparos dos telhados da sua casa, e partiu imediatamente a vêr os estragos pelas estradas para pedir providencias.

=A cheia do rio Vouga é medonha.

C.

Palhaça, 24

Apresso-me a informar que o temporal da noute passada fez aqui prejuizos de subida monta, devastando predios e destruindo pinheiraes quasi por completo.

Na quinta da Carapinha, propriedade do sr. Manuel Caiado, arrancou cêrca de 150 pinheiros alguns dêles belos exemplares de 40 metros e mais de altura.

Muitas outras pessoas sofreram vários e importantes prejuizos especialmente o sr. Manuel Euzebio do Roque.

As estradas camararias e do govêrno estiveram interrompidas tal era o numero de arvores e pinheiros que as obstruiam.

Não ha memoria dum vendaval tão forte e de tão avultados prejuizos.

C.

Anuncios

Anuncio

O Conselho Administrativo da Capitanía do porto de Aveiro faz saber que no dia 16 de Março proximo futuro, pelas 13 horas, no edificio da Capitanía do porto se procederá á arrematação em hasta publica do moliço arrolado á borda na Mata de S. Jacinto e do produzido na praia anexa, vigorando o respectivo contracto desde 31 de Março de 1914 a 31 de Março de 1915.

As condições do contracto estão patentes no edificio da Capitanía do porto em todos os dias uteis das 9 e meia ás 15 horas e meia.

Capitanía do porto de Aveiro, 25 de Fevereiro de 1914.

O Presidente do Conselho Administrativo,

Silverio R. da Rocha e Cunha